

O NOVO MITO DO ULISSES, DANTESCO

José da Costa Miranda
Universidade de Lisboa

Em várias estâncias de "Os Lusíadas" e, logo desde a terceira do canto primeiro, surgem referências do Poeta a Ulisses (o que é atestado, por exemplo, por João Franco Barreto na sua útil *Micrologia Camoniana*), dentro de um vocabulário nem sempre muito exaltador e vindo, seguramente, de preceitos ou sugestões antigas, deformadoras do personagem mitológico.

Já por esse tempo circulava, porém, desde há séculos, na literatura italiana, com base na época e nos versos de Dante, uma forma nova de julgar Ulisses e que, em tempos nossos iria assumir uma projecção notável e alteraria, por completo, a forma tradicional de julgar e de adjectivar o personagem.

Eu esperaria que, nomeadamente, em uma conferencia pronunciada pela Profa. Paola Mildonian e inserida no caderno número 01 dos chamados "Cursos da Arrábida", tivesse surgido, ao menos, um fugaz aceno a uma caracterização da figura, dentro dos conceitos novos desencadeados pela crítica literária italiana onde se destacam nomes e textos de inegável valor e oportunidade crítica: tudo, a partir de versos de Dante constantes de um lugar bem determinado do poema, o canto vinte e seis, da parte primeira do poema, isto é, do Inferno" tornado num lugar sórdido, marcado pelo esterco, pelas imundícies, pelo alcatrão, onde os vultos constantemente se debatem, num quadro que tem qualquer coisa de evocação de um verdadeiro ambiente medieval, onde Dante desliza, inesperadamente, para a tradição e coloca Ulisses, fazendo-o participante de um quadro degradante, iniciado pela evoca-

ção da pérfida Florença e onde cabem os vultos dos pérfidos, dos enganadores pelas palavras, dos fraudulentos, dos políticos: um lugar portanto nada abonatório, mas onde a crítica foi buscar Ulisses, a partir das próprias palavras de Dante, para o reabilitar, garantindo-lhe entrar em um processo, novo, histórico e crítico literariamente, reabilitador.

É, nesse espaço infernal onde, em especial, dominam a podridão e a pestilência, que Dante irá encontrar Ulisses. E aquele canto vinte e seis é destinado, no dizer de Natalino Sapegno, feliz comentador da "Commedia", ao lugar infernal especialmente destinado ao castigo, à punição do indevido uso do engenho, da pretensa superioridade do engano, da supremacia, da argúcia, da astúcia ou da malícia, coisas, actos, procedimentos a que Ulisses, emblematicamente designado de "hortator scelerum" ou, de "fandi factor", poderia acolher sem se considerar desvirtuado.

No encontro com Dante, Ulisses não conta, não enumera, qualquer dos logros ou dos embustes, das artimanhas em que – e tantas foram – se envolveu. Pura e simplesmente e de forma totalmente inesperada, conta a Dante a sua última aventura oceânica, e o resultado infeliz e inesperado de aí resultante: o naufrágio mortal, à vista, exactamente, da meta que procurava alcançar. O que irá proporcionar a Dante a oportunidade de, condenando a pura ousadia, não aprovada por Deus, nem acompanhada pela Graça (a Commedia é um poema de fundo acentuadamente teológico), apresentar Ulisses como um indivíduo que procedia e se regia pelos seus próprios critérios, alheios aos critérios divinos).

Mas o discurso de Ulisses baseava-se, sobretudo, na ânsia de conhecer, de se enriquecer intelectualmente, de conviver com outras paisagens e outras gentes: era, portanto, um facto de "modernidade". Assim, castigado, embora, Ulisses, com o naufrágio da sua empresa, faria, do episódio, uma mensagem que a crítica entendeu aproveitar, criando um novo mito de Ulisses, a partir do relato de Dante.

Gente de muito mérito, como Giorgio Padoan, Mário Fubini, Bruno Nardi ou, até Edoardo Sanguineti, ou, mais recentemente, Mário Pazzaglia ou Maria Corti, puseram em marcha a reabilitação de Ulisses, segundo o discurso dantesco. E com esse discurso e com a interpretação que passou a ser-lhe dada, nos encontramos hoje.

A esta questão dantesca, Marco Lucchesi, poeta brasileiro e estudioso de literatura italiana, deu o nome, bem encontrado, de "A Paixão do Infinito". Mas, na crítica italiana, tem-se verificado alguma oscilação nas interpretações da parte dos estudiosos, marcados, ainda, natu-

ralmente, pelas tradicionais posições perante a figura de Ulisses, vindas de tempos remotos e, há muito, estabelecidas. Além disso, todo o episódio se desenvolve num canto da "Commedia" que se inicia por uma apóstrofe contra Florença, dita soberba e traiçoeira, e no qual um oportuno discurso de Ulisses se insere, com as prováveis características de um discurso oportuno, traiçoeiro, procurando, apenas, a pessoal satisfação dos seus intuitos.

Assim me parece que tratou do episódio Giorgio Padoan, assente, também, nas posições de Parodi ou de Banfi. Também em Edoardo Sanguineti me parece descobrir certa relutância em se solidarizar totalmente, com a interpretação moderna do episódio, acaso lembrado Sanguineti da prudência manifestada por Ugo Foscolo diante de textos antigos, a serem sempre avaliados na sua originalidade.

Já em Mário Fubini se nos depara uma posição de total solidariedade com as modernas interpretações do episódio dantesco. Há no seu depoimento frases como estas, que trascrevo:

" Vi è nell' impresa di Ulisse il segno della grandezza e della insufficienza dell' umanità pagana, vale a dire dell' umanità tutta priva del soccorso della rivelazione"

ou esta outra frase:

"Ulisse ci appare il prototipo dell' umanità pagana"

ou, ainda, esta outra frase fundamental:

"Chi parla di un Ulisse simile a un Dio ribelle, di un Ulisse che rinnova la ribelione di Lucifero, fraintende radicalmente la concezione di Dante "

Contudo, Fubini não termina as suas conclusões sem considerar, inesperadamente, que em Ulisses e na sua insatisfação, se projecta, afinal, o próprio Dante.

Porém, será em Maria Corti e no seu aparentemente modesto livrinho, *Percorsi dell' invenzione* que se encontra, talvez, a mais calorosa adesão a uma nova interpretação do pequeno episódio de Dante, onde a estudiosa relembra que Ulisses invocou perante Dante o seu apaixonado sentimento pelo saber e pelo conhecimento da Humanidade. Nasceu de aí, justamente, a ideia clara do mito, a singularizar o episódio, tão único, tão inesperado e diferente na "Commedia" e sugestivo convite, embora cauteloso, a uma busca de novas intervenções sobre o velho texto dantesco.